

LAJEADO ENQUANTO NÓ PRINCIPAL DA REDE URBANA E/OU COMO CIDADE-REGIÃO DO VALE DO TAQUARI?

Cíntia Agostini¹

Resumo: O presente artigo analisa o papel do município de Lajeado no contexto do Vale do Taquari, distinguindo as concepções de rede urbana e cidade-região. Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva que, a partir de dados secundários em fontes bibliográficas e documentais, analisa o conteúdo e discute o tema. Finaliza destacando que Lajeado pode ser considerado como nó principal da rede urbana do Vale do Taquari, enquanto contexto econômico, que promove negócios, presta serviços e emprega a população do entorno. No entanto, não se trata da cidade-região, como município que fortalece as redes de relações e governabilidade regional.

Palavras-chave: Vale do Taquari. Rede urbana. Cidade-região.

LAJEADO AS THE MAIN NODE OF THE URBAN NETWORK AND/OR AS A CITY-REGION OF VALE DO TAQUARI?

Abstract: This article examines the role of Lajeado municipality in the context of Vale do Taquari distinguishing the concepts of urban network and city-region. This is a descriptive qualitative research, based on secondary data in bibliographic and documentary sources, analyzes the content and discusses the theme. Ends noting that Lajeado can be considered as the central node of urban Vale do Taquari, network, while economic context that promotes business, provides services and employs the surrounding population, however, it is not the city-region, as a municipality that strengthens the networks of relationships and regional governance.

Keywords: Vale do Taquari. Urban network. City-region.

1 INTRODUÇÃO

Na prática e na gestão do desenvolvimento territorial se discute o papel de cada um dos municípios, das cidades, nas relações de umas com as outras, nas relações entre urbano e rural e seus papéis nos contextos regional, nacional e internacional.

O artigo ora proposto discute o papel da cidade de Lajeado enquanto nó principal da rede urbana e/ou cidade-região do Vale do Taquari. Esse é o maior município da região

1 Economista, Mestre em Ambiente e Desenvolvimento (UNIVATES), doutoranda em Desenvolvimento Regional (PPGDR/UNISC). Professora na Univates e presidente do Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari. E-mail: cintia@univates.br

em número de habitantes, se afirma enquanto cidade polo regional, mas também possui problemas típicos dos centros urbanos brasileiros.

Para tanto, após descrever a metodologia utilizada neste trabalho, são expostos os conceitos de cidade, urbano e região, buscando contextualizar o território regional e sua relação com a dinâmica global.

Em seguida, são tratados os conceitos de rede urbana e cidade-região, enfatizando que eles não são contraditórios e sim, complementares. São aceitos os conceitos de que rede urbana possui suas análises voltadas aos aspectos econômicos competitivos, e cidade-região, indica o papel das diversas cidades na relação com seu entorno, para além do econômico, enfatizando as dimensões político-institucionais, de governabilidade regional.

Na sequência trazem-se informações da cidade de Lajeado e suas diversas dimensões, desde indicadores econômicos, demográficos, até aspectos sociais, de educação, saúde e saneamento.

Por fim, são destacados fatores que demonstram que Lajeado é o centro da rede urbana do Vale do Taquari, que impulsiona negócios, presta serviços, emprega a população do entorno, mas que, no entanto, não se configura como uma cidade-região, enquanto líder e aglutinadora política, não sendo ela que fortalece as redes de relações e a governabilidade regional.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No tocante à metodologia do trabalho, trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva, considerando que a abordagem qualitativa “defende o envolvimento pessoal do pesquisador com o objeto de estudo. O mundo social [...], é visto através do pesquisador que busca compreender os sistemas de significados utilizados por um grupo ou uma sociedade” (BAQUERO et al., 1995, p.21).

Ainda, é uma pesquisa descritiva, pois faz uma descrição do tema a partir da aproximação, ou seja, “quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.52).

Nesse contexto, o artigo busca compreender o papel do município de Lajeado e sua relação com o Vale do Taquari, descrevendo as relações das variáveis identificadas e estabelecendo relações do município com a região. Essa compreensão se dá enquanto discussão do desenvolvimento urbano, do papel do município enquanto nó de uma rede urbana ou cidade-região do Vale do Taquari.

Relevante salientar que, considerando o procedimento de coleta de dados, foi necessário “descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação” (GIL, 1999, p.73). Como situação contexto temos as especificidades do município e regionais e, mais precisamente, o território onde o estudo está sendo proposto. A região de abrangência da presente pesquisa é o Vale do Taquari e, mais especificamente, o município de Lajeado, descrito neste artigo.

Já a coleta de dados se deu a partir de dados bibliográficos e documentais. Enquanto pesquisa bibliográfica, “na atualidade, praticamente qualquer necessidade humana, conhecida ou pressentida, tem algo escrito a seu respeito. Por isso, a pesquisa com base em uma bibliografia deve encabeçar qualquer processo de busca científica que se inicie” (SANTOS, 2007, p.30). Considera-se essencial a pesquisa bibliográfica “à construção do objeto de pesquisa e como tal deve ser tratado” (ALVES, 1992, p.58), e é nessas condições que foram analisadas referências que deram conta de aprofundar o conhecimento e possibilitaram “o desenvolvimento teórico-metodológico” do artigo (ALVES, 1992, p.58).

Também foram feitas pesquisas nos documentos oficiais no sítio do município de Lajeado. Foi considerado que “documento é o nome genérico dado às fontes de informação bibliográficas que ainda não receberam organização, tratamento analítico e para publicação” (SANTOS, 2007, p.32).

Por fim, o tratamento dos dados foi feito por meio de análise de conteúdo, que “é considerada uma técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema” (VERGARA, 2005, p.15); e todos os dados coletados qualitativamente, sejam eles bibliográficos, documentais, foram avaliados nessas condições.

Em suma, conforme já exposto, o artigo possui inúmeras limitações, que vão desde a escolha da metodologia utilizada até as fontes consultadas. Mas utiliza-se das palavras de Carvalho (1989, p.10) para afirmar que esta obra “apresenta, certamente, lacunas, as quais nos parecem inevitáveis”, no entanto, como já afirmou Santos (2007, p.15); “a intenção é expor e, ao mesmo tempo, expor-nos, quaisquer críticas e sugestões serão oportunidade de reflexões, correções e aprimoramentos”. Esta é uma proposta de trabalho em construção e, como tal, deve ser vista e considerada.

2.1 A cidade, o urbano e a região

Apesar das diversas definições de cidade e urbano, o traço relevante é a consideração de que cidade será utilizada conforme o seu sentido semântico original, e o fato de tornar substantivo o adjetivo urbano, destacando que a ideia de cidade é anterior à de urbano. No entanto,

[...] tanto cidade, como objeto, como o urbano, como fenômeno, se situam no âmbito das reflexões sobre o espaço e a sociedade, pois são produtos dessa relação; mais precisamente, são produzidos por relações sociais determinadas historicamente (LENCIONI, 2008, p.114).

Lencioni (2008) enfatiza que o conceito de cidade está atrelado aos aspectos de: aglomeração populacional; sedentarismo como movimento inverso ao nomadismo; a exploração econômica não vinculada diretamente ao solo, enquanto atividade rural; existência de trocas de mercadorias e da administração pública, para mediar às relações sociais. Características que articuladas são a razão de ser de certas cidades. Ainda, não importa o número de habitantes para identificar uma cidade, a história e a cultura são variáveis fundamentais para a construção desse conceito.

Já o conceito de urbano, para Motta e Ajara (2001) e Lencioni (2008), é situado historicamente nos anos de 1930, quando consolidadas as bases das sociedades industriais. É o complexo agroindustrial do café que possibilita a acumulação de capital e a industrialização brasileira, solidificando os espaços urbanos “como produto de determinadas relações sociais” (LENCIONI, 2008, p.120).

Para tanto,

[...] a urbanização e o sistema urbano são considerados no estudo como síntese de um longo processo de mudança territorial do país, no qual a dinâmica e as alternativas de localização das atividades econômicas têm um importante papel indutor, entendendo-se a urbanização como parte integrante dessas determinações (MOTTA; AJARA, 2001, p.6).

Nessas condições, tanto o conceito de cidade quanto o de urbano devem ser situados histórica, cultural, econômica, socialmente, ou seja, são construídos, concebidos e reconhecidos enquanto as condições de conformação de cada sociedade.

Por fim, cabe salientar que essas são visões parciais da realidade e estão atreladas a outros conceitos e que não é possível analisar a cidade e o urbano avaliando-os isoladamente e sim, percebê-las nas relações com as outras escalas ou espaços de análise. No presente artigo, será enfatizado a escala regional.

Dessa maneira, considera-se que a região é o resultado de como o território se organiza, e a regionalização é a construção do próprio processo, das particularidades na interação com a totalidade. Nessas condições, o desenvolvimento regional se dá a partir das ações nos territórios construídos, apropriados pela sociedade, ou seja, é no território que se identificam regiões ou lugares. Dessa forma, nesse processo de apropriação do espaço é que se constroem as regiões.

Etges (2005, p. 54) afirma que “um território só existe a partir da materialidade que lhe é dada pelo seu uso”, e é nessas condições que ocorre o processo de regionalização, que possibilita a formação de uma região, com base em um território. Enfatiza que os territórios possuem uma conformação a partir das condições naturais, no entanto não é essa que determina a região, “e este uso é determinado por interesses econômicos, sociais, políticos e culturais. São estes, portanto, os aspectos que definem uma região nos dias atuais” (ETGES, 2001, p. 353).

Existe a clara percepção de que a região é resultado de formação particular de cada território. Território enquanto relação entre sociedade e espaço, sociedade e natureza, e este como o espaço de construção das regiões, em seus arranjos territoriais particulares. Assim, o território é resultado da

[...] apropriação do espaço pela ação social de diferentes atores. [...] o conceito de território incorpora o jogo de poder entre os atores que atuam num espaço. Como resultado desse jogo de poder, se define uma identidade relacionada a limites geográficos, ou ao espaço determinado (FLORES, 2006, p.4).

Em suma, “a noção de regionalização é nitidamente polissêmica” (RIBEIRO, 2004, p.198), com múltiplos sentidos, apoiados além da existência da região enquanto

tal, a capacidade produtiva del, além dos aspectos ideológicos, paisagem, valores culturais, critérios políticos e científicos.

[...] a região seria uma resultante da construção histórica desta complexa coerência, construída a partir da dialética articulação (enfrentamento) de distintos processos sociais, que tende a conferir características específicas a um determinado espaço social, e a expressar os distintos interesses dos agentes e atores sociais envolvidos (LIMONAD, 2004, p.55).

Considerando a conformação das cidades e a formação dos espaços urbanos a partir do início do século passado e levando em conta que a região é resultado de um processo histórico particular de construção, cada região se apresenta de forma conforme o movimento que está inserida.

Esse movimento aqui exposto é o movimento global, está relacionado à transnacionalização dos capitais financeiros e dos grandes conglomerados, que incide na dinâmica dos locais e na homogeneização das ações. A partir das verticalizações, busca organizar e determinar os processos dos lugares. Ou seja, globaliza recursos, dinheiro, crédito, dívidas, padrões de consumo e produção (SANTOS, 1996; RIBEIRO, 2004; LIMONAD, 2004).

A diversidade cultural, problemas ambientais, as migrações interregionais, a reestruturação produtiva, etc., assinalam a instabilidade dessas regiões, não somente como 'atores', mas também 'palco' de manifestações globais do capitalismo, o que certamente tem influenciado nas diversas linhas de interpretação desses espaços (ARRAIS, 2003, p.9).

Trindade (1998) afirma que os territórios requerem esforços constantes para serem construídos e mantidos, pois são resultantes das relações sociais dos agentes, por meio das redes de relações. As redes se alteram de lugar para lugar, a lógica dos atores em rede, cada qual se altera, conforme os arranjos, as particularidades existentes. E mais, se alteram ao longo do tempo. "Nesse sentido, as redes representam não só uma forma de mobilização, como também uma estratégia de organização e de ação, que dão forma ao urbano [ao território]" (TRINDADE, 1998, p.33).

Cabe aqui salientar que, no entanto, "os agentes envolvidos não estão, necessariamente, num mesmo plano de correlação de forças" (TRINDADE, 1998, p.33). Existem atores que agem marcadamente de forma capitalista e outros não, mas todos interagem, demonstrando que determinados segmentos capitalistas têm interesses diversos, que ora se combinam ora conflitam.

Dessa forma, as características que configuram essas redes são: as coalizões público-privadas dos diversos agentes em prol de objetivos comuns; a composição altera-se nos diferentes espaços, nos diferentes locais; as ações capitalistas nessas redes são heterogêneas; em qualquer situação, pode haver mais redes atuando e se apropriando das ações públicas e privadas; e a manifestação dos agentes pode se dar de maneira explícita ou implícita.

Como já expresso, o espaço, enquanto território, é produto das ações dos atores em rede, considerando as características acima citadas, mas também é causa para tais relações. Ou seja, influencia e é influenciada pela ação dos atores.

Nessas condições,

[...] os territórios e as territorialidades, sendo expressões espaciais básicas da presença do poder em suas múltiplas dimensões, oferecem uma ligação essencial entre a sociedade, o espaço e o tempo, pois é através deles que os agentes e suas coligações, aqui definidas como redes, constroem e mantêm as organizações espaciais (TRINDADE, 1998, p.49).

O espaço mediador entre local e global é, portanto, a região, e esta é o território possível para o processo de regionalização, enquanto forma de organização, articulação dos sujeitos para a construção, uma construção não considerada enquanto evolução e sim, enquanto construção, desconstrução, reconstrução das relações dos sujeitos, ou seja, “a região constrói-se a partir da ação de distintos agentes em múltiplas escalas articuladas que, de certa forma, encontram um rebatimento em práticas e processos sócio-espaciais histórica e geograficamente localizados” (LIMONAD, 2004, p.58).

Ou seja, o conjunto de atores, mais ou menos articulados, são os que produzem o espaço urbano, formal ou não formal. Com estratégias de ação em rede, por meio de complexas relações, determinam a constituição dos espaços geográficos, que, construídos, expressam uma dada territorialidade. Assim, as diferentes intenções, as interações, os usos que se dá para o território, enfim a apropriação do espaço por meio das redes de relações é que conformam os territórios particulares e diversos.

Após clarear os conceitos de cidade, urbano e região, considerando que estão inseridos no contexto global do capitalismo atual, também enfatiza o presente artigo a cidade de Lajeado e analisa se ela se insere como polo principal de uma rede urbana e/ou se constitui como uma cidade-região.

Considera-se que não são contraditórios os estudos de rede urbana e cidade-região e sim, a possibilidade de serem complementares. A discussão de rede urbana é anterior à de cidade-região, busca tratar de questões basicamente econômicas; e a contextualização de cidade-região traz aspectos políticos, de relações e de governabilidade, sem distinção clara de espaços geográficos, mas sim, de influência de uma cidade em uma região, e mesmo de constituição de uma região urbana, polarizada, organizada por uma metrópole ou cidade média, configurando uma aglomeração urbana.

A leitura [...] do espaço a partir da rede urbana não esgota as possibilidades de interpretação, uma vez que a dimensão econômica é privilegiada e o estabelecimento de hierarquias e tipologias, em muitos casos, passam a ser objetivo fim dos trabalhos. Acreditamos que essa leitura possa ser complementada com a incorporação de outras categorias analíticas, como a ‘cidade-região’, o que implica na consideração da dimensão política, juntamente com a econômica, como também das implicações do processo de globalização na produção desse espaço [...] (ARRAIS, 2003, p.7).

Esse é o pressuposto que indica a possibilidade de visualizar o conceito de rede e posteriormente o conceito de cidade-região de forma complementar e inferir sobre o papel da cidade de Lajeado, enquanto substantivo urbano, inserida na região do Vale do Taquari.

2.2 A rede urbana e a cidade-região

A produção e a reprodução do espaço, considerando que este é resultado da relação dialética da sociedade e do capital das classes hegemônicas com o espaço, se dá a partir desse processo. No entanto, à medida que estas se tornam mais complexas, que avança a lógica do capital financeiro na economia atual, esta (re)produção do espaço torna-se fundamental para a acumulação capitalista.

Dessa forma, pode-se inferir que

A rede urbana do país, portanto, compreende o conjunto de centros urbanos que polarizam o território nacional e os fluxos de pessoas, bens e serviços que se estabelecem entre eles e com as respectivas áreas rurais. É formada por centros urbanos de dimensões variadas, que estabelecem relações dinâmicas entre si de diferentes magnitudes. São essas interações que respondem não apenas pela atual conformação espacial da rede, mas também por sua evolução futura, cuja compreensão é fundamental para o estabelecimento de metas de políticas públicas (MOTTA; AJARA, 2001, p.10).

Nessas condições, “a rede urbana é afetada pela globalização tanto por intermédio de *criações* urbanas recentes, [...], como da *refuncionalização* dos centros preexistentes, imposta ou induzida pelas corporações globais” (CORRÊA, 1999, p.44).

Esses fatores fizeram com que, a partir dos anos 90, cidades menores, cidades médias, também se tornassem espaços viabilizadores de atividades diversas, a partir das condições de infraestrutura disponíveis, qualificação da mão de obra e qualidade de vida considerada nesses locais, menos urbanizados e menos congestionados (SOARES, 2010).

É elemento fundante da formação dos espaços das redes urbanas a conformação da indústria, apesar de não ser somente este aspecto definidor, mas contribuir para enfatizar o papel dessa rede que “comporta em seu entorno uma série de centralidades de menor porte que estão envolvidas em sua dinâmica de metropolização” (MAGALHÃES, 2008, p.17).

Já o conceito de cidade-região é relativamente novo, avança nos anos 90, a partir das lacunas deixadas pelo conceito de redes, em que “a preocupação com os limites ou áreas de influência da cidade, [...], é secundária” (ARRAIS, 2003, p.10).

Enfatiza aspectos como a governabilidade do território, ou seja, analisa não somente os fatores que possibilitam a competitividade e a solução de problemas afetos a essa e busca sanar questões sociais, econômicas e ambientais, em que as redes de relações, os diversos atores envolvidos, são parte do processo de construção e decisão. Ou seja, “cabará aos atores locais-regionais (o regional é uma forma de dizer que os problemas da reestruturação atingem mais que uma cidade) reunir forças para superar os problemas” (ARRAIS, 2008, p.86).

Nessas condições, a relação de cidade-região se dá pelas relações entre a cidade e sua região de influência formada por áreas rurais e por centros urbanos menores, que constituem uma dada rede urbana, considerando aqui que o foco não deve ser a distinção entre urbano e rural e sim, compreender as relações sociais, políticas e econômicas, tanto internamente como entre o campo e a cidade, na percepção de que não há separação e sim complementaridade entre os espaços.

O Brasil é repleto de pequenas e médias cidades que exercem papel fundamental enquanto formadoras de uma rede, inserindo o território, no contexto onde se localiza, seja esse regional, nacional ou internacional.

Considerando, no entanto, que o espaço é onde o território é construído, por meio da territorialidade, territorialidade esta dada pela ação e relação das redes de atores, nessas condições “a relação entre o espaço [...] e o modo capitalista de produção deve ser vista como uma via de mão-dupla, como parte de uma relação dialética e complexa²” (BOTELHO, 2007, p.16). Ou seja, há uma classe considerada hegemônica, que determina a lógica do sistema capitalista de produção, que detém recursos e que, por meio destes pode determinar a lógica do sistema, que ora coopera e ora compete, e um território, formado pelas relações sociais, das quais os primeiros também fazem parte, mas que possibilita a esse território não ser passivo ao movimento hegemônico, mas também ativo, em uma relação dialética, contraditória, que possibilita e conforma de forma particular cada um dos territórios.

As condições ora destacadas demonstram, portanto, a necessidade de entendimento da complexidade espacial atual. Somente com a melhor compreensão da territorialidade poderão se configurar políticas públicas viabilizadas e viabilizadoras das particularidades das diversas regiões brasileiras, da percepção das redes urbanas interligadas economicamente, buscando a competitividade nesse contexto global e, sobreposta a isso, a cidade-região, que, para além do já exposto, insere cidades médias nas relações para com outros municípios, na possibilidade de uma governabilidade regional.

2.3 Lajeado enquanto parte de uma rede urbana e/ou cidade-região do Vale do Taquari

O presente artigo não pretende analisar a cidade de Lajeado a partir de uma visão competitiva, em que é entendida “como a capacidade destas competirem com outras cidades e regiões, atraindo e mantendo firmas com quotas estáveis ou crescentes nos mercados globais” (UNIVERSIDADE DO PORTO, 2005, p.5), a partir dos quais haverá maior bem estar da população.

Talvez, muito antes ao contrário, percebe-se Lajeado inserido no Vale do Taquari e como ele pode contribuir enquanto parte de uma rede urbana e/ou como cidade-região do Vale do Taquari.

Cabe aqui destacar, para tanto, alguns aspectos da formação histórico-cultural da região e de Lajeado. O Vale do Taquari é atualmente formado por 36 municípios. Foi colonizado basicamente por portugueses, alemães e italianos. Origina-se, com em boa parte do Estado do Rio Grande do Sul, como colônia de povoamento onde preponderaram, e

2 Considera-se que “o espaço, ao longo da história do modo de produção capitalista, passou a fazer parte dos circuitos de valorização do capital, seja pela mercantilização da terra, seja por seu parcelamento (por loteamento ou por verticalização) ou, como vem ocorrendo mais recentemente, por sua crescente inclusão nos circuitos de circulação do capital financeiro. A produção do espaço passa a ser um elemento estratégico para a acumulação do capital” (BOTELHO, 2007, p.16).

ainda preponderam, a pequena propriedade familiar e as atividades direta e indiretamente voltadas ao agronegócio (CODEVAT, 2009).

Atualmente,

[...] esta região possui 1,71% da área total do Estado e, em 2011, demonstra ser responsável por 3,23% do PIB e 3,07% da população do estado. É responsável por 30% da produção de frangos, 15% da produção de suínos e 9% da produção leiteira estadual gaúcha. Parcela significativa do setor industrial está vinculada ao agronegócio e à produção de alimentos; e destaca-se na produção de móveis, confecções, entre outros. Os indicadores de qualidade de vida, como o Índice de Desenvolvimento Socioeconômico - IDESE e o Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, demonstram que o Vale está entre as regiões mais desenvolvidas do Estado, sendo estes 0,765 e 0,727, respectivamente (2010) (VALE DO TAQUARI, 2014).

A colônia de Lajeado foi criada em 26 de janeiro de 1891 e instalada em 25 de fevereiro de 1891. Grande parte dos municípios hoje emancipados eram fragmentos territoriais desse município. Dele originaram-se Guaporé, Encantado, Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul, Boqueirão do Leão, Progresso, Santa Clara do Sul, Sérico, Marques de Souza, Forquetinha e Canudos do Vale (LAJEADO, 2014).

Atualmente, o município é o maior da região em número de habitantes, com estimativa populacional para o ano de 2013 de 74.078 e um dos menores em área territorial. Possui 90,4 km², ou seja, 1,87 % da área territorial do Vale. Isso faz com que a densidade demográfica, em 2011, seja de 797,7 habitantes por km², enquanto que a média regional é de 68,30 e a estadual, de 38,10 hab/km² (FEE, 2014).

Se verificado o crescimento populacional dos anos de 1970 até 2010, pode-se perceber que o número de habitantes cresceu, nas áreas urbanas e as áreas rurais do município foram se emancipando, formando novos municípios, o que fez com que Lajeado tivesse, em 2010, apenas 265 pessoas residindo na área rural.

Tabela 1 – População em Lajeado, por ano e área de residência

População em Lajeado, por ano, e área de residência					
	1970	1980	1990	2000	2010
Total	56.992	63.739	62.783	64.133	71.445
Urbana	18.041	32.559	45.970	60.189	71.180
Rural	38.951	31.180	16.813	3.944	265

Fonte: elaborada pela autora, com base em FEE (2014).

Se verificada a taxa de urbanização, ela reflete as informações já expostas. E mais, o Vale do Taquari possui 3,08% dos habitantes do RS, enquanto em Lajeado habitam 22,02% da população do Vale do Taquari.

Tabela 2 – Taxa de urbanização em Lajeado, por ano

	Taxa de urbanização				
	1970 (%)	1980 (%)	1990 (%)	2000 (%)	2010 (%)
Taxa de urbanização	31,7	51,1	73,2	93,9	99,6

Fonte: elaborada pela autora, com base em FEE (2014).

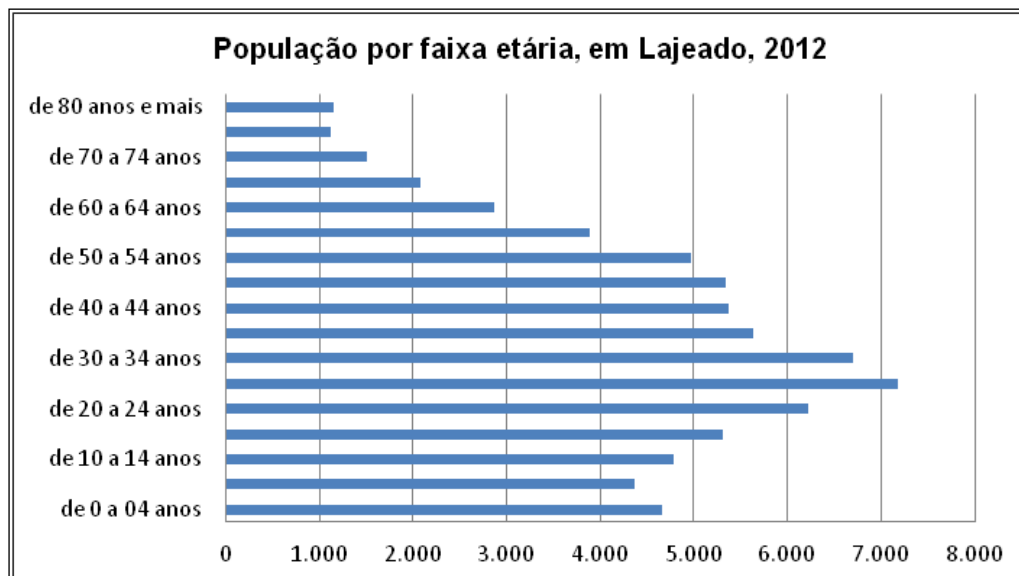
Demonstra-se que a relação que se configurava como cidade diferente do campo, e cidade menor que o campo, conforme exposto nos dados de população e taxa de urbanização, agora pode ser denominada como a superposição das formas cidade e campo, ou seja, as cidades não são mais compactas e contínuas, possuem descontinuidades. Os meios de transporte, comunicação, entre outros fazem com que esses territórios não mais tenham distinção clara, ou seja, cidade e campo estão intimamente relacionados e as áreas de transição são o resultado e o “reconhecimento de um contínuo cidade/campo” (SPOSITO, 2006, p.121).

Em suma, a percepção da atualidade deve levar em conta muito mais a relação contínua, a inter-relação entre os espaços urbanos e rurais do que somente analisar isoladamente a cidade e o campo. Para tanto, deve considerar a concentração demográfica, a diferenciação social e a unidade espacial, mas muito mais percebendo como os movimentos e as relações ocorrem na atualidade.

Lajeado, portanto, hoje pode perceber muito mais do que sua área rural formalmente indicada, sua relação contínua entre esse espaço e construção da territorialidade e a relação desses como área de transição para com outros municípios da região, a partir da lógica de redes urbanas e/ou cidade-região.

Segundo consulta à Relação Anual de Informações Sociais - RAIS, em janeiro de 2014, Lajeado possuía 35.124 empregos formais. Estimando que 27% da população de Lajeado não possa estar trabalhando, ou seja, menores de 15 anos e maiores de 65 anos, conforme demonstra gráfico abaixo, restariam em torno de 54.000 pessoas aptas ao trabalho no município. Considerando que são 35.124 empregos formais, somente nesse cálculo seriam 65% das pessoas aptas empregadas.

Gráfico 1 – População por faixa etária, em Lajeado em 2012



Fonte: elaborado pela autora, com base em FEE (2014).

Essa informação demonstra que parte dos empregos formais de Lajeado é atendida por moradores de municípios do entorno. Ou seja, Lajeado é uma dessas cidades consideradas médias, que possuem vantagens enquanto ofertantes de emprego, serviços, bens de consumo, além de outros, para os habitantes do entorno. Ou seja, possui um papel aglutinador na região (ARRAIS, 2008).

E essa perspectiva se reforça se forem verificados os indicadores econômicos de Lajeado e sua inserção no Vale do Taquari (Tabela 3). A região representa 3,03% do PIB do Estado, enquanto Lajeado representa 26,38% do PIB regional. Em se tratando do PIB *per capita*, no Estado e na região esse valor é de em torno de R\$ 26.000,00 anuais. Em Lajeado esse valor ultrapassa R\$ 31.000,00 anuais.

Tabela 3 – PIB e PIB *per capita* no Vale do Taquari e em Lajeado, 2011

PIB e PIB <i>per capita</i> no Vale do Taquari e em Lajeado, em 2011		
Indicador	Vale do Taquari	Lajeado
PIBpm (em mil R\$)	8.510.190	2.245.038
PIB <i>per capita</i> em R\$	25.798	31.038

Fonte: elaborada pela autora, com base em FEE (2014).

Em se tratando do Valor Adicionado Bruto – VAB, Tabela 4, quando verificado esse na região e setorizado, percebe-se a influência da indústria de Lajeado, enquanto o VAB do agronegócio representa, na média do Vale do Taquari, 16,18% do total, para Lajeado essa representação é de somente 1,54%. Já a indústria em Lajeado representa 31,43% do

VAB total e a prestação de serviços é de 67,03%. Ainda, em termos econômicos, Lajeado foi responsável por 30,6% das exportações do Vale do Taquari em 2012, totalizando US\$ 109.420.517 (FOB).

Tabela 4 – Valor Adicionado Bruto, no Vale do Taquari e em Lajeado, 2011

Valor adicionado bruto (R\$ mil), em 2011		
Indicador	Vale do Taquari	Lajeado
Valor Adicionado Bruto a preços básicos	7.667.013,43	1.939.982,37
VAB – Agropecuária	1.240.431,44	29.956,63
VAB – Indústria	2.466.515,33	609.674,63
VAB – Serviços	3.960.066,66	1.300.351,10

Fonte: elaborada pela autora, com base em FEE (2014).

Esses indicadores demonstram a inserção da cidade de Lajeado nos contextos regional, nacional e internacional e o seu papel enquanto contratante de mão de obra e de prestador de serviços para os demais municípios.

Além disso, a visualiza de alguns dos indicadores sociais, em que o Índice de Desenvolvimento Humano - IDH de Lajeado em 2010 indicou que esse município é o 17º no *ranking* do estado do RS e 145º no Brasil, com IDH de 0,778 e Índice de Gini em 2010 de 0,463, ocupando a 210ª posição no *ranking* estadual, possibilita uma aproximação dos conceitos mais amplos de qualidade de vida (PORTAL ODM, 2014). O mesmo ocorre quando se reporta para a análise do Índice de Desenvolvimento Socioeconômico - Idese, que demonstra resultados acima dos resultados médios regionais.

Tabela 5 – Índice de Desenvolvimento Sócioeconômico – Idese, em 2010

Índice de Desenvolvimento Socioeconômico - Idese 2010		
	Vale do Taquari	Lajeado
Bloco Educação	0,728	0,748
Bloco Renda	0,717	0,797
Bloco Saúde	0,848	0,874
Idese	0,765	0,806

Fonte: elaborada pela autora, com base em FEE (2014).

Ainda, em 2010, o município possuía 97,7% da população vivendo acima da linha da pobreza, ou seja, são em torno de 1.605 pessoas com renda *per capita* inferior a R\$ 140,00 mensais. No entanto, nesse mesmo período, “a participação dos 20% mais ricos era de 52,7%, ou 10,3 vezes superior à dos 20% mais pobres” (PORTAL ODM, 2014, p.4).

Verificando os indicadores de educação,

Este município, em 2011, está na 1.203ª posição, entre os 5.565 municípios do Brasil, quando avaliados os alunos dos anos iniciais, e na 1.424ª, no caso dos alunos dos anos

finais. Quando analisada a sua posição entre os 496 Municípios de seu Estado, Lajeado está na 93ª posição nos anos iniciais e na 150ª, nos anos finais. O IDEB nacional, em 2011, foi de 4,7 para os anos iniciais em escolas públicas e de 3,9 para os anos finais. Nas escolas particulares, as notas médias foram, respectivamente, 6,5 e 6,0 (Portal ODMS, 2014, p.6).

Por fim, cabe salientar os resultados demonstrados no trabalho *Regiões de Influência das Cidades - REGIC 2007*, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, – Ibge, com o objetivo de avaliar a rede urbana no Brasil.

Já na introdução, o IBGE destaca o objetivo do referido estudo, enfatizando que,

[...] ao investigar a rede urbana brasileira, pretende-se subsidiar o planejamento estatal e as decisões quanto à localização das atividades econômicas de produção, consumo privado e coletivo, bem como prover ferramentas para o conhecimento das relações sociais vigentes e dos padrões espaciais que delas emergem (IBGE, 2007, p.09).

Salientam o papel das cidades como aquelas que possibilitam o atendimento de serviços sociais básicos à população do entorno, além de atividades de comércio e serviços, destinos da produção agropecuária, as sedes de empresas, as instituições financeiras, as instituições de ensino e pesquisa, as sedes de órgãos do governo, interligação de transporte e que essa lógica cria e recria as redes urbanas.

Também consideram que

[...] o avanço da divisão técnica e territorial do trabalho e as transformações decorrentes das novas formas de comunicação ampliaram a organização em redes de produção e distribuição, de prestação de serviços, de gestão política e econômica - cujos nós são constituídos pelas cidades (IBGE, 2007, p.09).

Nessas condições, o estudo traçou distintas classificações: as metrópoles globais, nacionais e regionais; capitais regionais; os centros regionais e os centros sub-regionais 1 e 2; os centros de zonas; e os centros locais (IBGE, 2007). Porto Alegre é considerada metrópole e influencia diretamente Lajeado, que é considerado Centro sub-Regional A, nas mesmas condições de Santa Cruz do Sul. São 85 cidades no país consideradas desta forma, com população com pouco menos de 100 mil habitantes.

Quanto aos Centros sub-regionais,

[...] integram este nível 169 centros com atividades de gestão menos complexas, predominantemente entre os níveis 4 e 5 da gestão territorial; têm área de atuação mais reduzida, e seus relacionamentos com centros externos à sua própria rede dão-se, em geral, apenas com as três metrópoles nacionais. Com presença mais adensada nas áreas de maior ocupação do Nordeste e do Centro-Sul, e mais esparsa nos espaços menos densamente povoados das Regiões Norte e Centro-Oeste, estão também subdivididos em grupos, a saber: (IBGE, 2007, p.11).

A cidade de Lajeado, nesse contexto e nesta análise, influencia, direta e indiretamente, 33 municípios, sendo a maioria do Vale do Taquari e outros muito próximos, sendo eles: Bom Retiro do Sul, Canudos do Vale, Coqueiro Baixo, Cruzeiro do Sul, Forquetinha, Imigrante, Marques de Souza, Paverama, Pouso Novo, Progresso, Santa Clara do Sul, São

José do Herval, Sério, Travesseiro, Arroio do Meio, Capitão, Encantado, Anta Gorda, Doutor Ricardo, Ilópolis, Nova Bréscia, Relvado, Roca Sales, Arvorezinha, Itapuca, Putinga, Muçum, Vespasiano Corrêa, Estrela, Colinas, Teutônia, Poço das Antas, Westfália.

A própria administração municipal entende o papel desse município no contexto regional e o cita em seu sítio “pela condição de metrópole do Vale do Taquari, Lajeado possui um comércio que se caracteriza pela sua diversidade e dinamicidade. Além de uma área central dotada de estabelecimentos comerciais dos mais diversos fins” (LAJEADO, 2014, s.p.). Nessas condições, salienta a existência do Shopping na Cidade e o Centro Universitário UNIVATES como aspectos aglutinadores e possibilitadores de crescimento.

Tanto Lajeado como outras cidades do País urbanizaram-se, cresceram, só o que se percebe, no entanto, é que “o processo de urbanização consolidou um modelo marcado por disparidades socioespaciais, ineficiência e grande degradação ambiental” (ROLNIK; KLINK, 2011, p.90). São visíveis os “problemas de mobilidade e acessibilidade urbana, violência urbana, déficit habitacional, pouca oferta de serviços de educação e saúde, saneamento básico, desemprego, concentração de renda” (ARRAIS, 2008, p.85).

Quanto aos indicadores de educação, renda e empregos, já foram citados acima. No entanto, no que tange à mobilidade, violência urbana, Lajeado está indicando dificuldades de atendimento à sociedade. Jornal regional reflete essa percepção em manchete, “Segundo estudo, Lajeado vive epidemia de homicídios desde 2008” (INFORMATIVO DO VALE, 2014, s.p.).

Quando se refere às questões de saneamento, os problemas são mais significativos. Isso está refletido nos dados de que Lajeado possui 24.962 domicílios registrados em 2010, dos quais, a maioria possui abastecimento de água, isto é, 22.157. No entanto, somente 1.347 estão ligados a uma rede geral de esgoto, possuindo a maioria, ou seja, 80%, fossa séptica como forma de esgotamento sanitário (FEE, 2014).

Ou seja, o cenário atual é de crescimento econômico, com dificuldades de desenvolvimento urbano, com concentração e centralização da riqueza, fragmentação territorial e privilégios dos territórios centrais. Nem Lajeado nem o Estado conseguem efetivar políticas de gestão do território adequadas às necessidades de acesso à moradia da população, infraestrutura urbana, levando em conta os aspectos econômicos, sociais, políticos e ambientais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo destaca como aspecto central o papel do município de Lajeado e a sua inserção no Vale do Taquari, um município que possui 22% da população da região, 26% do PIB e 30% das exportações, situados em menos de 2% do território regional. Demonstra ser um espaço competitivo e inserido no contexto global, podendo sim contribuir, considerando o conceito de rede urbana, no crescimento do entorno, na empregabilidade, na prestação de serviços e na industrialização dos bens produzidos.

Quando avaliado seu papel em uma perspectiva mais ampla, levando em conta os aspectos, não somente econômicos e competitivos ou mesmo sociais, e, sim, para além desses, aspectos político institucionais regionais, dentro de uma concepção de cidade-

região, percebida na discussão política de espaços integrados, na necessidade de considerar o papel dos atores regionais na formação de cidades que se tornem polos regionais, não há, no entanto, meios para inferir sobre tal. Não foram identificados aspectos, para além dos econômicos, que possibilitem e ativem o papel de cidade-região.

Isso está explícito quando no sítio oficial do município consta o que segue:

Passado mais de um século e meio, a mesma energia continua a impulsionar a Lajeado trabalhadora, tornando-a um grande polo de negócios do Vale do Taquari. Buscando um desenvolvimento cada vez mais acentuado, Lajeado procura, no trabalho de sua gente, alcançar as melhores metas. E, graças à consciência e determinação de seu povo na busca dos objetivos, a comunidade lajeadense cresce e se desenvolve tornando nosso município um polo regional [...]. (LAJEADO, 2014, s.p).

Mesmo os dados sociais demonstram que Lajeado possui indicadores acima da média regional, o que atrai pessoas para a cidade, mas não se percebe como ela poderia intervir na região sem promover a migração de outros municípios para a cidade. Em nenhuma das fontes consultadas foi identificado algum papel de articulador político-institucional regional.

Dessa forma, o Brasil, as regiões e as cidades devem ser pensadas a partir das suas particularidades, das características históricas, culturais e sociais dos espaços. Devem coexistir soluções para atender a toda a população, sem estimular a fragmentação, segregação socioespacial já existente e que predomina nas sociedades atuais.

O espaço não é o *locus* passivo das relações sociais, já que possui um papel ativo, como saber e como ação, utilizado operacional e instrumentalmente pela classe hegemônica. O espaço capitalista não estaria, porém, purgado de suas contradições, apesar da hegemonia de uma classe (BOTELHO, 2007, p.16). E, nesse contexto, nem Lajeado nem os municípios do entorno o são.

Portanto,

[...] é preciso considerar que o espaço não é apenas produto ou reflexo das relações sociais, ele é também força capaz de reproduzir tais relações. As estratégias em torno das apropriações diferenciadas do espaço urbano pressupõem considerar esses atributos do espaço socialmente produzido (TRINDADE, 1998, p.48).

Em suma, o avanço parece estar na discussão para além do citado até o momento, para as várias possibilidades das políticas voltadas ao desenvolvimento urbano, à gestão do território considerando os diversos atores sociais e suas necessidades e expectativas. E, nessas condições, permitindo que esses atores sociais sejam também aqueles que possam, juntamente com os governos e o mercado privado, decidirem a conformação das cidades, dos municípios, das áreas urbanas e rurais nos municípios do Brasil; decidirem como querem se portar diante da dinâmica global e sua relação dialética com os locais e a região.

Fundamental é, portanto, o papel de cidades médias como Lajeado, enquanto cidades-região, para além das redes urbanas, como possíveis líderes e aglutinadoras de

políticas públicas, de relações entre atores, de articuladoras do desenvolvimento regional. No entanto, nesse caso, esse aspecto não está explícito até o presente momento.

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. J. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.81, maio 1992, p.53-60.
- ARRAIS, T. A. A cidade e a região/a cidade-região: reconhecer processos, construir políticas. **Cadernos Metrópole** 20, p.81-91, 2º sem.2008.
- ARRAIS, T. A. Entre a rede urbana e a cidade-região: o que há de novo no centro Goiano? **Anais do X ENA – Encontro Nacional da ANPUR**, Belo Horizonte, 2003.
- BAQUERO, M. et al. Reflexões sobre a pesquisa nas ciências humanas. In: **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n.2, p.17-32, mar.95.
- BOTELHO, A. A cidade como negócio: produção do espaço e acumulação do capital no município de São Paulo. In: **Cadernos Metrópole**, nº18, 2007, p.15-38.
- CAGED. **Perfil dos municípios**. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php>. Acesso em: 26 set. 2014.
- CARVALHO, M. C. M. de. (org.). **Construindo o saber – metodologia científica: fundamentos e técnicas**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1989.
- CODEVAT. **Planejamento Estratégico Regional do Vale do Taquari**. Lajeado: CODEVAT, 2009.
- CORRÊA, R.L. Globalização e Reestruturação da Rede Urbana – uma nota sobre as pequenas cidades. **Revista Território**, ano IV, nº 6, jan./jun. 1999.
- ETGES, V. E. A região no contexto da globalização: o caso do Vale do Rio Pardo. In: VOGT, O. e SILVEIRA, R. **Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região**. Santa Cruz do Sul: Edunisc. 2001.
- ETGES, V. E. Desenvolvimento Regional sustentável: o território como paradigma. In: **REDES**, Santa Cruz do Sul, v.10, n.3, p.47-55, set/dez. 2005.
- FEE. **Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/>>. Acesso em: 26 set. 2014.
- FLORES, M. **A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento: uma visão do estado da arte**. 2006. Disponível em: <http://www.fidamerica.cl/admin/docdescargas/centrodoc/centrodoc_236.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2014.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

IBGE. **Regiões de Influência das Cidades - REGIC 2007**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm?c=6>>. Acesso em: 26 set. 2014.

INFORMATIVO DO VALE. **Segundo estudo Lajeado vive epidemia de homicídios desde 2008**. Lajeado, 04 de julho de 2014. Disponível em: <<http://www.informativo.com.br/site/noticia/visualizar/id/54921/?Segundo-estudo-Lajeado-vive-epidemia-de-homicidios-desde-2008.html#ixzz3FqwrhrH1>>. Acesso em: 11 out. 2014.

LAJEADO. **Município de Lajeado**. Disponível em: <<http://www.lajeado.rs.gov.br/home>>. Acesso em: 26 set. 2014.

LENCIONI, S. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. In: **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, nº24, p.109-123, 2008.

LIMONAD, E. Brasil, século XXI – regionaliza para que? Para quem. In: LIMONAD, E. et al. **Brasil Século XXI – por uma nova regionalização**. São Paulo: Max Limonad, 2004.

MAGALHÃES, F. N. C. **Transformações socioespaciais na cidade-região em formação: a economia geopolítica do novo arranjo espacial metropolitano**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MOTTA, D.M. da e AJARA, C. Configuração da Rede Urbana do Brasil. In: **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 100, p.5-23, jan./jun.2001.

PORTAL ODM. **Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**. Relatório Dinâmico: Monitoramento de Indicadores. Disponível em: <www.portalodm.com.br>. Acesso em: 21 jun. 2014.

PRODANOV, C. e FREITAS, E. C. de. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, A. C. T. Regionalização: fato e ferramenta. In: LIMONAD, E. et al. **Brasil Século XXI – por uma nova regionalização**. São Paulo: Max Limonad, 2004.

ROLNIK, R. e KLINK, J. Crescimento econômico e desenvolvimento urbano: por que nossas cidades continuam tão precárias? **Novos Estudos Cebrap**, nº89, março de 2011.

SANTOS, A. R. dos. Metodologia científica: a construção do conhecimento. 7.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, M. **A natureza do espaço – técnico e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOARES, P. R. R. A cidade-região de Porto Alegre: análise da desconcentração metropolitana no Rio Grande do Sul. **Seminário Nacional: Governança Urbana e Desenvolvimento Metropolitano**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, set.2010.

SPOSITO, M. E. B. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPOSITO, M.E.B. (org.). **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

TRINDADE Jr., S. C. C. da. Agentes, Redes e Territorialidades Urbanas. In: **Revista Território**, nº5, jul/dez., 1998, p.31-50.

UNIVERSIDADE DO PORTO. Porto Cidade-Região. **Boletim Universidade do Porto**, Portugal, Publicação Periódica, nº 38, Ano XII, 1, Outubro 2005.

VALE DO TAQUARI. **Estratégias para o Desenvolvimento do Vale do Taquari – 2015-2018**. Vale do Taquari, 2014.

VERGARA, S. C. Métodos de pesquisa em administração. São Paulo: Atlas, 2005.